

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

TEATRO E EPIDEMIA – A TRAJETÓRIA DE UM ARTISTA DRAMÁTICO EM MEIO A EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA NO BRASIL DO SÉCULO XIX

José Augusto Souza e Silva Bianchini
Pesquisador independente
jose.unesp@gmail.com

RESUMO

A escrita biográfica, para além do seu objetivo principal de revelar a história de uma individualidade, é uma ferramenta útil para a percepção do tempo e do meio do sujeito biografado. A partir da história de vida de um artista, pode-se melhor compreender as relações existentes no meio artístico e deste com a sociedade da época. Para esta comunicação, destacamos um momento singular na trajetória do ator oitocentista Joaquim Augusto Ribeiro de Souza: trata-se do período em que o Brasil foi acometido por uma grave epidemia de febre amarela, em fins de 1849. Joaquim Augusto encontrava-se em turnê em Salvador, primeiro foco da doença no país. Mesmo depois de abandonar a cidade, seu caminho foi atravessado diversas vezes pela epidemia e seus efeitos. A identificação e análise do percurso do artista, no período que vai do último quartel de 1849 ao final de 1850, permitiu delinear um breve panorama da vida artística, notadamente do teatro e suas companhias dramáticas, em meio a uma grave crise sanitária que guarda semelhanças, ainda que distantes, com o tempo presente. Como contribuição, o texto apresenta alguns dos impactos da epidemia no cotidiano do teatro e a sua influência na circulação dos artistas e das companhias pelas cidades brasileiras em meados do século XIX.

Palavras-chave: Febre amarela. Joaquim Augusto Ribeiro de Souza. Teatro brasileiro.

INTRODUÇÃO

O pesquisador que se propõe a escrever uma biografia ainda encontra certa resistência no meio acadêmico, por ser esse gênero considerado menor. A “ilusão biográfica” denunciada por Pierre Bourdieu no final dos anos 1980 ainda ressoa e seu conceito de trajetória, em que as posições de um indivíduo são definidas em função das relações existentes no campo ao qual se insere, prevalece nos estudos voltados à história de uma individualidade. Nessa equação, o indivíduo se limita pelas determinações sociais. Esse limite entre o determinismo do grupo e a liberdade do indivíduo é justamente um dos problemas que se colocam à biografia na concepção de Giovanni Levi, para quem nem a liberdade é absoluta e tampouco o “[...] sistema normativo é suficientemente estruturado

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação de regras, de negociação” (LEVI, 1996, p. 179-180). Nesse sentido, nos parece desejável, na escrita biográfica, compatibilizar a noção de trajetória com manifestações de singularidade e subjetividade do indivíduo. Nos estudos dedicados à história do teatro brasileiro, essa possibilidade é compartilhada por Edécio Mostaço, para quem o conceito operativo sobre o campo não deve excluir particularidades e especificidades, pois “[...] a história de uma atriz, por exemplo, pode render mais para a compreensão de todo o teatro praticado em certo período do que as complexas, porém difusas interrelações nele existentes” (MOSTAÇO, 2018, p. 195).

É justamente por meio da história de vida de um ator que pretendemos contribuir para a história do teatro brasileiro do século XIX. Joaquim Augusto Ribeiro de Souza (1825-1873) iniciou sua carreira artística em 1841, na companhia dramática de João Caetano dos Santos, no Rio de Janeiro. Atuou por mais de trinta anos nos principais teatros do país, de Rio Grande (RS) a Belém (PA). Contudo, pouco se sabe sobre a sua trajetória e contribuição para o teatro. Para sanar essa lacuna na historiografia do teatro brasileiro, um estudo biográfico se encontra em andamento. Desse estudo, destacamos um período que guarda alguma relação, ainda que distante, com o momento atual em que vivemos – trata-se do período em que o país foi acometido por uma grave epidemia de febre amarela, em fins de 1849. Na ocasião, Joaquim Augusto encontrava-se em turnê em Salvador, primeiro foco da doença no país. Mesmo depois de abandonar a cidade, seu percurso foi atravessado diversas vezes pela epidemia e seus efeitos. Partindo da identificação e análise dos vestígios do ator em periódicos da época, este trabalho se propõe a apresentar um breve panorama da vida artística, notadamente o teatro, as companhias dramáticas e seus artistas, em meio a explosão da epidemia de febre amarela, no período que vai do último quartel de 1849 ao final de 1850.

A TEMPORADA ARTÍSTICA DE JOAQUIM AUGUSTO EM SALVADOR

Após uma temporada de quatro anos se apresentando nos palcos do sul do Brasil, Joaquim Augusto regressa à Corte em janeiro de 1849, passando a integrar a companhia do Teatro de São Januário. Nela, faz sua reentrada no dia 14, no drama *Os dois renegados*. No

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

repertório da companhia, peças brasileiras dividem espaço com obras portuguesas e traduções de melodramas franceses. Sob a direção de João Caetano dos Santos, Joaquim Augusto passa a despontar nos principais papéis. Em maio, João Caetano parte para uma pequena temporada na Bahia, onde permanece até meados de julho, abrindo espaço para o protagonismo de Joaquim Augusto, que assume os papéis do primeiro ator brasileiro nas peças.

Atraído pelo êxito obtido por João Caetano na capital baiana, Joaquim Augusto segue para Salvador no mês de setembro, acompanhado de dois colegas da mesma companhia, o ator Antonio José Areas, com quem atuou na companhia dramática de Francisco Fructuoso Dias no sul do país, e a atriz Joanna Rosa de Jesus. No Teatro São João, os artistas reencontram o compositor Francisco de Sá Noronha e dois atores egressos da companhia de Fructuoso Dias, Candido Augusto de Mello e Bernardino de Senna. A estreia dos artistas chegados da Corte ocorre em 22 de setembro de 1849 com o drama *A morte de Camões*, seguido do *vaudeville Innocencio ou O eclipse de 1821*. Peças do repertório da companhia de João Caetano são representadas nas semanas seguintes; a exceção se dá com o drama *Os jesuítas ou O bastardo do rei*, representado pela primeira vez em 1846 na cidade de Rio Grande e com Joaquim Augusto, Areas, Candido e Senna no elenco original. Na imprensa baiana, Joaquim Augusto é considerado o “perfeito imitador do célebre João Caetano” (UM..., 18 out. 1849, p. 1). Para o dia 18 de outubro, anuncia-se o seu benefício¹, com a representação do drama *Teresa*, de Alexandre Dumas, que será adiado pelo agravamento do estado de saúde de uma das atrizes da companhia. Naquele momento, uma estranha febre começa a reinar na cidade.

O TEATRO EM MEIO À FEBRE REINANTE EM SALVADOR

Os primeiros registros de febre amarela no território brasileiro remontam ao longínquo século XVII, com ocorrências nas capitanias da Bahia e de Pernambuco. Foi no século XIX, contudo, que a febre amarela se tornou uma questão nacional, espalhando-se por todo o país. Em *A história da febre amarela no Brasil*, Odair Franco atribui o surto de febre amarela que se espalhou pela cidade de Salvador nos últimos meses de 1849 à

1 Espetáculo cuja renda é destinada ao artista.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

chegada do navio de bandeira americana “*Brasil*”, proveniente de Nova Orleans e que aqui desembarcou em 30 de setembro, sem que houvesse qualquer controle sanitário (FRANCO, 1969, p. 24).

Em 2 de outubro, uma nota anônima no jornal local questiona a ausência de quarentena para a embarcação vinda de uma cidade vitimada pelo *cholera morbus* e pela febre amarela (MEMENTO, 1849). As primeiras notícias dando conta do contágio aparecem no final do mês seguinte por intermédio do médico Mello Moraes. Em 21 de novembro, o pioneiro na divulgação da homeopatia no país alerta para o estado mórbido em que se encontra a cidade com a disseminação da febre pestilencial que tem dizimado dezenas de pessoas desde o início de outubro (MORAES, 1849a). O avanço da doença, contudo, parece não ter alterado a vida social da cidade e a ausência de notícias indicaria uma aparente normalidade. No mesmo dia 21, sobe à cena *Os jesuítas ou O bastardo do rei* em benefício da atriz Maria Leopoldina Ribeiro Sanches. A sociedade *Fantasia*, organizada no início de novembro, anuncia seus bailes de máscaras, a serem realizados mensalmente nos salões do Hotel de São João, localizado no primeiro andar do prédio do teatro. (GRANDE..., 1849). Única voz a se manifestar publicamente sobre a febre amarela, Mello Moraes oferta gratuitamente remédios para os doentes impossibilitados de pagar por eles (MORAES, 1849b).

A epidemia só será noticiada oficialmente em 7 de dezembro, quando o *Correio Mercantil* define a situação da Bahia como de calamidade pública, questionando o silêncio das autoridades e dos corpos médicos em meio a epidemia que dizimava “vítimas em todas as classes sociais”, bem como os procedimentos dos portos em relação às embarcações vindas da América do Norte e a prioridade dada pelas comissões municipais às obras de embelezamento em detrimento de medidas sanitárias (CORREIO..., 1849). Na mesma edição, Mello Moraes aponta o crescente número de sepultamentos na igreja da Conceição da Praia e recomenda a seus colegas médicos e ao presidente da província o uso da cânfora no tratamento da moléstia (MORAES, 1849c). Dias depois, é a vez do Arcebispo da Bahia, d. Romualdo Antonio de Seixas, se manifestar publicamente, dando à epidemia o caráter de castigo divino ao povo e orientando os fiéis à realização de preces e jejuns (SEIXAS, 1849). Caberá ao homeopata a cobrança de uma atitude por parte das autoridades médicas e policiais, impassíveis frente a pandemia; a quem pudesse administrar seus remédios às

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

famílias pobres é ofertada uma quantia em dinheiro. O Conselho de Salubridade Pública da Bahia defende que a epidemia não é contagiosa e nem perigosa e recomenda a suspensão dos dobres dos sinos, responsáveis por alarmar os indivíduos nervosos (FRANCO, 1969, p. 25).

Com a situação fora do controle, muitos decidem abandonar a cidade. A companhia dramática anuncia seu último espetáculo para o dia 11 de dezembro, com a representação do melodrama *Os dois sargentos franceses*, em benefício do artista Antônio da Silva Araújo. O espetáculo é finalizado com o dueto de lundu *O meirinho e a pobre*, uma oferta da atriz Joanna Rosa de Jesus por ter de partir para o Rio de Janeiro. A epidemia interrompe, assim, a breve turnê dos jovens artistas em Salvador. No dia seguinte ao espetáculo, Joanna Rosa embarca de volta para a Corte. No dia 13, é a vez do ator Areas embarcar para o Rio de Janeiro, chegando em seu destino no dia 21. Com ele segue Joaquim José Bezerra, ator escriturado na companhia dramática baiana. Ao chegar à Corte, o barco em que se encontram os artistas dramáticos é retido no porto, em observação, por ter morrido um dos passageiros no percurso. Francisco de Sá Noronha e Candido Augusto de Mello, que também se encontravam em Salvador, partem rumo ao Rio Grande no dia 17. De Salvador, a epidemia se alastra por todo o litoral do país.

O RETORNO AO RIO DE JANEIRO E A CHEGADA DA EPIDEMIA NA CIDADE

Inicia-se o ano de 1850 em relativa tranquilidade no Rio de Janeiro São escassas as informações que chegam à corte sobre a epidemia que grassava a Bahia. No *Jornal do Commercio*, reproduzem-se as notícias dadas pelo *Correio Mercantil* da Bahia, como o parecer do Conselho de Salubridade Pública, que minimizava os efeitos da febre, e a recomendação do arcebispo da Bahia para a realização de preces públicas em prol do fim da epidemia.

A vida na corte segue normalmente. É grande a concorrência de atrações e a atenção dos habitantes fortemente disputada pelas companhias líricas e dramáticas que atuam nos teatros de São Pedro de Alcântara, de São Francisco e de São Januário, além dos bailes de máscaras, do circo equestre e da praça de touros que se apresentam na cidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Recém-chegados da Bahia, Antônio José Areas e Joaquim José Bezerra fazem sua reentrada em cena no drama *Frei Luís de Sousa* no Teatro de Santa Theresa, em Niterói. No dia 5 de janeiro, Joaquim Augusto desembarca no Rio de Janeiro. Dias antes, falecera sua esposa, aos 25 anos de idade, de causa desconhecida.

Naquele início de janeiro, a cidade já contava com oito casos suspeitos de febre amarela identificados pelo médico alemão Dr. Lallement entre tripulantes de navios chegados da Bahia e pessoas que com eles mantiveram contato na taberna e hospedaria do americano Frank, localizada nas imediações da rua da Misericórdia (FRANCO, 1969, p. 35). A ausência de informações precisas sobre a doença reinante na Bahia faz com que a Academia Imperial de Medicina não confirme a existência da febre amarela no Rio de Janeiro. E assim a epidemia segue seu curso pela cidade do Rio de Janeiro, sem encontrar obstáculos pelo caminho.

Em fevereiro, a atmosfera da cidade é de festa. No dia 03, barcas seguem da cidade para os festejos do Bom Jesus do Monte na Ilha de Paquetá e de São Domingos, em Niterói. Para a semana seguinte, são anunciados os festejos de carnaval, com a encenação de comédias e a realização de bailes de máscaras nos teatros e salões da Corte. Superado o luto, Joaquim Augusto faz sua reentrada na companhia de João Caetano com o drama *Os sete pecados mortais*, representado nos Teatros de São Januário e de Santa Theresa. No São Januário, João Caetano oferece um espetáculo vespertino em prol dos comerciantes que não podem comparecer às noites de carnaval, com a apresentação da comédia mágica *As pílulas do diabo*. Ao entrar na quaresma, a cidade vê a alegria dar lugar ao medo. A Academia Imperial de Medicina reconhece a febre amarela como sendo a causa de adoecimento da população (REGO, 1851, p.9). O espetáculo do dia 16 que teria lugar no Teatro de Santa Theresa é cancelado por ser acometido de febre o ator João Antonio da Costa. Na semana seguinte, a *Compagnie Lyrique Française* cessa suas apresentações no São Januário, tomada pelo medo e pela “má vontade de alguns dos artistas” (THÉÂTRE..., 1850). Um anônimo alerta para o risco de se passar a procissão dos Passos, programada para os dias 20 e 21, nas imediações da rua da Misericórdia, principal foco da epidemia no Rio de Janeiro (PUBLICAÇÕES..., 1850).

Os casos, que avançavam lentamente nos meses de janeiro e fevereiro em pontos próximos ao litoral e acometendo com fatalidade principalmente os estrangeiros, toma por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

completo a cidade no mês de março, que vê o número de vítimas diárias saltar de 15 para 90 (REGO, 1851, p. 19). A Companhia Lírica Italiana do Teatro de São Pedro de Alcântara vê boa parte dos seus artistas sucumbir à doença (VIRMOND; NOGUEIRA, 2020). As notícias da epidemia se espalham pela Europa. Na Itália, o jornal *Il Pirata* lamenta a tragédia que acometeu os artistas italianos, citando os nomes do tenor Angelo Brunacci, do barítono Gerolamo Costa, dos pintores Calisto Tagliabue e Silvio Picozzi, do tenor comprimário Galbarino, de Antonio Baderna, pai da bailarina Maria Baderna, e do professor de viola DeMaurizj (VITTIME..., 1850). Acrescenta-se à lista o baixo Carlo Bennati, morto em 7 de março, e alguns coristas, como noticiado pela *Gazzeta Musicale di Milano* (NOTIZIE, 1850).

Com o agravamento da crise, o São Pedro suspende suas atividades por tempo indeterminado. No São Januário, o benefício anunciado para o dia 20 de março, em favor do primeiro bailarino da companhia, o italiano Luigi Gabrielli (que anuncia sua partida para a Europa três meses após sua estreia na cidade) é transferido para o mês de abril. João Caetano anuncia para 9 de abril um benefício destinado à Santa Casa de Misericórdia, em prol dos pobres acometidos pela febre amarela. Ficam responsáveis pela venda dos bilhetes os atores Antonio da Costa, Joaquim Augusto e Thimotheo José Fernandes (THEATROS, 1850). A dificuldade em se vender os bilhetes leva ao adiamento do espetáculo.

Nesse momento, encontra-se no Rio de Janeiro o ator Martinho Correa Vasques, em busca de artistas para uma nova companhia. A possibilidade de atuar fora da Corte faz com que Joaquim Augusto abandone a capital rumo a Campos dos Goytacazes, cidade no extremo norte da província do Rio de Janeiro e que não fora acometida pela febre amarela.

A NOVA COMPANHIA, INTRIGAS E CENSURA

No início de 1850, Martinho Correa Vasques, ator que iniciou sua carreira na companhia de João Caetano em 1841, acha-se em turnê em Campos de Goytacazes, dando espetáculos no Teatro São Salvador. Percebendo a fragilidade do teatro local, que não contava com uma companhia dramática própria, Martinho compromete-se com os campistas a montar uma companhia com artistas provenientes dos teatros do Rio de Janeiro, para onde regressa no início de março. Com a capital arrasada pela epidemia,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Martinho não encontra dificuldade em mobilizar alguns artistas da companhia de João Caetano, dentre eles Joanna Rosa de Jesus, Joaquim José Bezerra e Joaquim Augusto, que embarcam para Campos em 09 de abril. São escriturados também na nova companhia o ator Antonio Jacome da Cruz, o regente de orquestras Demetrio Rivero, o cenógrafo Cyprianno e o maquinista Valle. A cidade de Campos exalta sua primeira companhia “séria”, que dá seu espetáculo inicial em 05 de maio com a encenação de *A graça de Deus*, sob a direção de cena de Joaquim Augusto. Nessa época, casos “benignos e esporádicos” de febre acometiam a cidade, sem maior gravidade (REGO, 1851, p. 41).

Em pouco menos de um mês, a companhia começa a apresentar problemas. Demetrio Rivera deixa o grupo e retorna à Corte. Alguns assinantes da récita não honram o pagamento dos seus camarotes, comprometendo a receita dos novos espetáculos. Até que irrompe uma desinteligência entre Martinho e Joaquim Augusto, aparentemente motivada pela falta de pagamento dos artistas e que vai parar nas folhas do *Monitor Campista*, mobilizando defensores dos dois lados da contenda. Após ser vítima de uma pateada seguida a uma de suas famosas árias cômicas, Martinho abandona a empresa dramática, que dá lugar a uma sociedade sob direção de Joaquim Augusto. A primeira récita fica para o dia 06 de junho, com a encenação da tragédia *Nova Castro*. Para a solenidade de chegada do presidente da província à cidade no início de agosto, a companhia representa *D. César de Bazan*. Nas páginas do *Monitor Campista* reina a normalidade. Nada se diz sobre febre amarela.

A partir de agosto, iniciam-se as récitas em benefícios dos artistas da companhia dramática. O tom dos anúncios beira a súplica. O *Folhetim do Monitor*, que até então se dedicava religiosamente às encenações e intrigas do Teatro São Salvador e ansiava pela representação de *Kean* por Joaquim Augusto, passa a publicar em capítulos a obra *Memórias de um mestre de esgrima*, tradução de *Le maître d'armes* de Alexandre Dumas. O *filólogo dramático*, crítico anônimo que louvou a chegada da companhia em abril e que anunciara tratar da situação da companhia e dos seus artistas, misteriosamente some das páginas do jornal.

Há algo de estranho acontecendo na cidade e no teatro. Dos camarotes do São Salvador, somem cadeiras de jacarandá e palhinha em duas récitas seguidas. O benefício do ator José Luiz da Silveira, que anuncia estar de partida com sua família para o Rio de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Janeiro, não arrecada o suficiente para cobrir o aluguel do espaço cênico, o que leva o artista a suplicar pela benevolência dos membros da diretoria do teatro (SILVEIRA, 1850). Pelas páginas do *Monitor Campista*, Joaquim José Bezerra anuncia seu regresso à Corte e se despede das pessoas que o acolheram na cidade. O último espetáculo que se tem notícia é anunciado para o dia 10 de novembro, em benefício do diretor da orquestra Antonio Pereira Barreto. Ocorre que em outubro a epidemia acometera Campos dos Goytacazes e, com ela, a censura da Câmara Municipal às páginas do jornal, proibindo-se qualquer notícia que promovesse terror em seus habitantes, sob pena de seis dias de cadeia e 30 mil réis de multa (MONITOR..., 1851). Sem perspectiva, os artistas voltam ao Rio, onde considerava-se extinta a epidemia desde setembro. Em dezembro, é a vez de Joaquim Augusto deixar a cidade rumo à Corte. No porto do Rio de Janeiro, as embarcações provenientes de Campos são colocadas em quarentenas de, pelo menos, oito dias. Atracando como procedente da cidade de São João da Barra, o vapor no qual o ator se encontra consegue burlar a quarentena, ocorrendo o desembarque em 28 de dezembro. A primeiro de janeiro, Joaquim Augusto faz sua reentrada no São Pedro de Alcântara. Em cena, *Os dois renegados*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar uma vida utilizando-se de critérios rigorosos de pesquisa nos permite conhecer não só a história do indivíduo, mas também o seu meio e o seu tempo, essenciais para melhor compreender o passado e – por que não? – o presente. Assim como fomos pegos de surpresa pela atual pandemia de covid-19, e da qual não visualizamos uma saída tão cedo, fato semelhante ocorreu com o ator Joaquim Augusto, que se encontrava em turnê na primeira cidade brasileira a ser acometida pelo surto de febre amarela. Acompanhar sua trajetória nos permitiu entender, de certa forma, como a epidemia influenciou no deslocamento dos artistas para diferentes pontos do território brasileiro. Naquele momento, a circulação dos artistas e das companhias pelas principais cidades já era uma realidade, como é possível constatar pela presença de artistas da Corte e do sul do país no teatro de Salvador. Com o avanço da febre amarela pelas cidades, muitos dos artistas se viram obrigados a migrar para outras partes do território, fosse para fugir da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

doença ou por não encontrar as condições mínimas de subsistência nas cidades acometidas do mal. Aonde o teatro manteve suas portas abertas, não houve público e, conseqüentemente, receita. No Rio de Janeiro, os espetáculos foram retomados ainda em maio de 1850. Já em Campos de Goytacazes, o teatro atravessou o ano de 1851 sem que nenhuma companhia por lá representasse. Em que pese os reflexos que a febre amarela teve na movimentação dos artistas e na manutenção das companhias e dos teatros, a dinâmica de um espetáculo é algo complexo e permeado por diversos outros fatores. Nesse sentido, a biografia de Joaquim Augusto tem muito a contribuir para a história do teatro brasileiro do século XIX.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. 9 ed. Campinas, SP: Papius, 2008, p. 74-82.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CORREIO Mercantil. **Correio Mercantil.** Salvador, n. 274, p.3, 7 dez. 1849. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- FARIA, João Roberto. **O teatro realista no Brasil:** 1855-1865. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- FRANCO, Odair. **História da febre amarela no Brasil.** Rio de Janeiro: GB-Brasil, 1969.
- GRANDE e pomposo baile de máscaras no Hotel de S. João. **Correio Mercantil.** Salvador, n.250, p. 3, 8 nov. 1849. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.
- MEMENTO. **Correio Mercantil.** Salvador, n.219, p. 3, 2 out. 1849. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- MONITOR Campista. **Monitor Campista.** Campos dos Goytacazes, n. 13, p.1, 30 jan. 1851.
- MORAES, Mello. O estado mórbido da Bahia. **Correio Mercantil.** Salvador, n.260, p. 3, 21 nov. 1849a. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MORAES, Mello. Ainda as febres. **Correio Mercantil**. Salvador, n.270, p. 3, 1 dez. 1849b. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MORAES, Mello. Mortalidade. **Correio Mercantil**. Salvador, n. 274, p.2-3, 7 dez. 1849c. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MOSTAÇO, Edélcio. Para uma história cultural do teatro. **Artcultura**, v. 20, n. 36, 22 out. 2018. DOI: <https://doi.org/10.14393/ArtC-V20n36-2018-1-13>. Acesso em: 11 ago. 2020.

NOTIZIE. **Gazzetta Musicale di Milano**. Milano, n. 22, p. 94, 2 jun. 1850. Disponível em: <http://www.internetculturale.it>. Acesso em: 17 mar. 2021.

PRADO, Décio de Almeida. **João Caetano**: o ator, o empresário, o repertório. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

PUBLICAÇÕES a pedido. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, n. 50, p. 3, 19 fev. 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

REGO, José Pereira. **História e descrição da febre amarela epidêmica**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4890>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SEIXAS, Romualdo Antonio de. Pastoral. **Correio Mercantil**. Salvador, n. 275, p.1, 10 dez. 1849. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVA, Lafayette. João Caetano (História do Teatro Brasileiro). **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. n. 166, p. 381-581, 1932.

SILVEIRA. José Luiz da. Ao público. **Monitor Campista**. Campos dos Goytacazes, n. 127, p.2, 16 nov. 1850.

THÉÂTRE S. Janvier. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, n. 53, p.4, 22 fev. 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

THEATROS. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, n. 95, p.4, 7 abr. 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

UM benefício. **Correio Mercantil**. Salvador, n.233, p. 1, 18 out. 1849. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VIRMOND, Marcos; NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. Ópera e febre amarela no Rio de Janeiro Imperial. **ICTUS Music Journal**, v. 14, n. 1, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ictus.v14i1.36006>. Acesso em 10 mar. 2021.

VITTIME di Rio Janeiro. **Il Pirata**. Torino, n. 5, p. 20, 17 jul. 1850. Disponível em:

h

t

t

p

s

:

/